

Manifesto pelo Bem Viver Digital

25 de agosto de 2025

Atualização

Em 2024 foi realizado o Manifesto pelo Bem Viver Digital em Maringá, Paraná, Brasil. Em 2025, nós, a família digital dos povos Aymara (Bolívia), Tupi Guarani (Brasil), Kaingang (Brasil), Guarani/Kaiwá (Brasil), Kariña (Venezuela), Mapuche (Chile), Palta (Equador), Potiguara (Brasil), Tulián (Argentina) e Wichí (Argentina), nos reunimos na Aldeia Tabaçu Reko Ypy em Peruíbe, São Paulo, Brasil, para dar continuidade ao movimento do Bem Viver no Digital. Como uma de nossas ações, realizamos a atualização do Manifesto, expressando que uma cultura digital que possa ser considerada boa sob uma perspectiva indígena tenha:

- Em relação às tecnologias digitais, em especial as novas ferramentas de Inteligência Artificial Generativa, deve-se eliminar a exploração de nossos dados sem nosso consentimento e o desenho de algoritmos que reforcem estereótipos ou falsifiquem nossas realidades.
- Demonstrar sensibilidade, consciência e responsabilidade diante das desigualdades sociais e culturais, reconhecendo os estereótipos e preconceitos reproduzidos nos meios de comunicação e nas redes sociais, incluindo discursos que negam nossa existência ou nos tratam como objetos de museu, e trabalhar pela eliminação desses elementos. Assim, fortalecemos um movimento que busca desarmar práticas colonizadoras, fomentar a diversidade e a justiça social.
- Ser um espaço em que possamos “ser nós mesmas/os”, compartilhando o que queremos de nossas vidas e culturas sem medo do assédio por sermos indígenas, nem da exploração de nossas culturas, conhecimentos, saberes, línguas, valores, práticas e espiritualidades.
- Promover a sustentabilidade em todas as suas dimensões. Desde a invasão de Abya Yala, as bandeiras do progresso e as inovações do capitalismo trouxeram consequências nefastas para os territórios ancestrais dos Povos e Comunidades Indígenas. Povos inteiros foram devastados pelo fracking e por megaprojetos. O uso de toda tecnologia deve ser consciente, responsável e crítico quanto ao seu impacto cultural e ambiental, inclusive a Inteligência Artificial.

- Contar com códigos de ética (por exemplo, em relação ao direito à privacidade, ao uso de dados pessoais e à apropriação cultural) e formas de regulação que garantam o cumprimento desses códigos, com representação dos Povos Indígenas nesses fóruns e a garantia da participação dos representantes indígenas indicados pelos próprios Povos. Tudo isso em conformidade com acordos, tratados, convenções e declarações internacionais sobre a proteção dos conhecimentos tradicionais.
- Incluir oportunidades de participação e formação para membros dos Povos Indígenas em todo o “ecossistema” tecnológico, incluindo o design de dispositivos como celulares e a programação de softwares. Dessa forma, promove-se a inclusão e o protagonismo indígenas, assim como a abertura de caminhos para a autodeterminação, autogestão e autonomia indígena. Isso pode se dar, por exemplo, pela promoção da organização coletiva, cooperativa e comunitária de nossas próprias redes sociais, pela reparação de dispositivos dentro das comunidades, e pelo desenvolvimento de nossas próprias tecnologias digitais sustentáveis. Assim, também poderemos compartilhar nossas experiências e cosmovisões do Bem Viver com toda a humanidade.
- Focar nas necessidades e desejos humanos no design e uso de todas as tecnologias, sem impor ferramentas digitais a quem não as deseja, ou de modo que outras atividades e formas de comunicação se tornem mais restritas. As tecnologias devem servir ao Bem Viver; por exemplo, facilitando a educação a distância para membros das Comunidades Indígenas, oferecendo uma alternativa para que nossos jovens não precisem deixar suas Comunidades e Territórios, evitando o desenraizamento e outras violências, contribuindo para sua saúde mental.

Propomos que:

Os próprios povos indígenas de Abya Yala e os povos originários do mundo sejam protagonistas da sistematização de nossos saberes, ciências e tecnologias por meio das diferentes ferramentas digitais, registrando-os como propriedade intelectual coletiva – como, por exemplo, o símbolo do “[quanchuro](#)”.

O mundo digital também é nosso território, e dele nos apropriamos de forma crítica, utilizando todas as tecnologias tanto para a autodeterminação, autodefesa e fortalecimento indígenas, quanto para promover o Bem Viver de todos os seres.

Elaborado por:

- Alex Potiguara, Brasil, Pueblo Potiguara
- Angel Marcelo Ramirez Eras, Ecuador, Pueblo Palta
- Dayanna Ramírez Iza, Ecuador, Pueblo Palta
- Geneci Andre Fidelis, Brasil, Pueblo Kaingang
- Itamirim, Brasil, Pueblo Tupi Guarani
- Jaqueline Higino, Brasil, Pueblo Potiguara
- Joceli Sales, Brasil, Pueblo Kaingang
- Shailili Wichí, Venezuela, Pueblos Wichí y Kariña
- Mariela Jorgelina Tulián, Argentina, Pueblo Tulián
- Regiane Dina de Oliveira dos Santos, Brasil, Pueblo Tupi Guarani
- Reidi Tononé, Brasil, Pueblo Kariri-xxocó
- Rosinete Barbosa Pedro, Brasil, Pueblo Guarani Kaiwá
- Sandy Horacio Montes de Oca Ayala, Bolivia, Pueblo Aymara
- Weramuru, Brasil, Pueblo Tupi Guarani
- Wilma Gloria Reyes Henupe, Chile, Pueblo Mapuche
- Williams Leandro da Silva, Brasil, Pueblo Potiguara